

# O TURISMO INTERNO COMO UMA DAS MAIS IMPORTANTES EXPRESSÕES DE LAZER

**Sarah S. Bacal**

( Professora da ECA/USP )

O turismo está incorporado ao espectro mais geral do exercício das atividades de lazer e do uso do tempo livre na sociedade

urbano-industrial. Ele se caracteriza pelo deslocamento da residência permanente para locais onde se pode usufruir dos três D: diversão, descanso e desenvolvimento da personalidade. O turismo, pelo seu aspecto econômico, se apresenta como a mais importante expressão de lazer. Realmente pode trazer crescimento econômico, em vários aspectos, porém é preciso ter cautela quanto aos "custos" sociais que pode envolver em sua expansão nos países ( e/ou em regiões turísticas ). Para que não aconteça, as decisões precisam ser tomadas após uma análise profunda de todas as variáveis. Neste trabalho, há algumas propostas ao desenvolvimento do turismo interno, com a reformulação dos Equipamentos tradicionais. Sugere-se o turismo de massa e a instalação de modos para a recepção desta modalidade turística ( definida como turismo de classes de renda menos favorecidas e quase sempre efetuadas em grupo ), que visa uma melhoria de qualidade de vida de nossa população. Por fim, são colocados alguns itens para a política do turismo.

Como grande esperança de solução para todos os males que assolam os países em desenvolvimento, o turismo aparece como milagrosa panacéia: o fator de desenvolvimento, criador de empregos e o fenômeno econômico capaz de equilibrar balanças de pagamento.

O crescimento fenomenal do turismo nos últimos 25 anos, transformou-o no terceiro setor comercial do mundo, depois do petróleo e das armas.

Esse apogeu de viagens inegavelmente beneficia um número crescente de países em desenvolvimento. São aqueles que têm os pré-requisitos: sol, mar, areia, terra e mão-de-obra barata, além de governos dispostos a fazer concessões a fim de lograr uma fonte de divisas contínua, de que tanto necessitam.

Com toda a ênfase dos benefícios que a expansão do turismo pode trazer a esses países, é preciso refletir mais demoradamente quanto às conseqüências advindas pelo crescimento do turismo internacional.

Devemos ampliar as pesquisas e analisar as vantagens atribuídas ao “boom” turístico destes últimos anos que, infelizmente, nem sempre são positivos. Este aspecto tem sido tema de sérias controvérsias entre os estudiosos do turismo.

Em primeiro lugar as idéias sobre “crescimento econômico” vêm-se modificando. À primitiva asserção deste crescimento desvinculado do desenvolvimento social, está surgindo uma série de interrogações sobre a validade desse crescimento sem que haja um equilíbrio entre este e a distribuição dos benefícios materiais que dele advém a toda a população. A própria definição de desenvolvimento está, hoje em dia, sendo contestada, não só em sua interpretação econômica, mas em sua dimensão social, política e econômica.

“Desde 1970, uma série de Conferências Intergovernamentais sobre Políticas Culturais, patrocinadas pela UNESCO vem destacando a importância do desenvolvimento cultural como fator essencial do desenvolvimento geral de um país. Mesmo assim, os aspectos culturais e não materiais têm sido negligenciados pelos que têm a responsabilidade de tomar decisões políticas capitais no plano nacional e internacional...”<sup>1</sup>

### **Desenvolvimento social e crescimento econômico**

Nessa ocasião começaram os questionamentos acerca da relação entre desenvolvimento social e crescimento econômico.

No caso do turismo, as dúvidas e as preocupações são maiores, pois há casos em que ele trouxe mais conseqüências negativas no aspecto sócio-cultural, do que benefícios em outras áreas. Chegou-se a essas conclusões por análises feitas em determinadas regiões de países em desenvolvimento, onde a expansão descontrolada do turismo trouxe graves conseqüências sociais.

“... A zona turística torna-se uma zona de atração para os desempregados de outras regiões e que preferem se instalar nas cercanias de um local onde existam probabilidades de emprego. Estes desempregados são uma concorrência para os moradores locais, aceitando salários mais baixos e são também uma ameaça ao instalar favelas nas proximidades das regiões turísticas, fazendo florescer uma pequena delinqüência e a prostituição... Este fenômeno não ocorre em todas as partes, entretanto parece suficientemente difundido ( Haiti, Acapulco, Cotê d’Avoire etc. ) a ponto de merecer reflexões sobre a questão.”<sup>2</sup>

Entre outros aspectos, o acima citado é um dos quais deve se lavado em conta nos projetos de implantação do turismo em regiões onde a mão-de-obra é, em sua maioria, sem qualificação e que a população tenha um nível de renda muito baixo.

Outro ponto que deve ser estudado com mais atenção é sobre a quantidade de dólares que permanecem no país para equilibrar a balança de pagamentos. Isto se torna mais sério nos países onde existe um câmbio paralelo ao câmbio oficial e relativa facilidade para a troca dos dólares turísticos sem que o Banco Central possa ter um controle sobre esse tipo de operação.

Sobre este ponto de vista econômico, devemos fazer algumas considerações.

Na equação econômica, o que os economistas chamam de "infiltrações" trata-se dos custos em divisas estrangeiras que devem ser calculadas em relação ao dinheiro trazido pelos turistas. Estes custos vão desde empréstimos para a construção de equipamentos, subsídios dados pelo governo para decoração de hotéis de nível internacional, até a importação de vinhos franceses e **whisky** escocês. A maioria destes hotéis, pertencem a cadeias internacionais e, assim, a remessa de lucro vai para fora do país.

Há também os chamados "custos encobertos", que são os incentivos para o turismo, onde se deve computar o custo da propaganda e da promoção. Como exemplo temos promoções que, ao nosso entender, são feitas em momentos inadequados: "Ritmos brasileiros agitam o Mériden de Paris" ( **Folha de São Paulo**, 1982 ); Méridien Copacabana: festival de comidas: "La cuisine en fête", etc., ao mesmo tempo que a seção econômica fala de recessão e diminuição das viagens por franceses e alemães. Além disso, essa promoção foi feita quando J. Clark, das Agências AP e Latin Reuter escreveu: "diminuiu o fluxo turístico de muitos países este ano ( 1982 ) em relação ao ano passado: Grã-Bretanha 17%, México 15%, França 8%; Alemanha Ocidental 7% e Estados Unidos 6%. Em 1983 a França faz leis que restringem a saída dos franceses, como, por exemplo, o impedimento de levar para as viagens uma quantidade mínima de dólares, e isso afeta os países que se situam a longa distância, como é o nosso caso. Mesmo assim, há previsões de "se captar 2 bilhões de dólares através destas promoções". As estatísticas nos dão dados de "gastos" de turistas como sendo da ordem de 115 a 250 dólares por dia. Em nosso contexto onde há existência de um câmbio paralelo, quanto desses dólares realmente vão para o Banco Central ? É realmente bastante difícil o cálculo. Imaginamos que essas promoções sejam feitas visando a recepção de um "turismo de massa", por nós entendido como o turismo para grupos de menor renda. Na época que estamos atravessando, vemos problemas para esse tipo de turismo, pois Cláudio Abramo na **Folha de São Paulo**, de 6 de fevereiro de

83 escreveu: "No cenário vemos problemas de desemprego crescente na Europa e Estados Unidos, sintoma de uma crise aguda no sistema econômico e financeiro internacional". Neste contexto é temeroso o investimento em promoções grandiosas, pois é duvidoso o retorno dos custos efetuados.

### **Companhias aéreas e seus vínculos com o turismo**

Outro tema delicado são as companhias aéreas. Um estudo feito por Bob Stanley<sup>3</sup> afirma: "... nenhuma das 35 maiores companhias aéreas do mundo tem sua matriz nos países em desenvolvimento. Por outro lado, a maior parte das linhas aéreas européias e norte-americanas têm vínculos com as cadeias hoteleiras internacionais e, inclusive, algumas, são suas proprietárias. Elas podem organizar pacotes turísticos que não vão beneficiar nem os governos, nem as companhias aéreas e nem as agências nacionais de turismo e nem a rede hoteleira do país hospedeiro".

Esse, pois, é outro aspecto que deve ser considerado, quando se leva em conta os problemas sociais que podem ser gerados pelo turismo, no caso de se computar apenas o ponto de vista econômico, sem uma visão sociológica e humanista.

A visão humanista coloca-se como primordial na hierarquia dos valores do ser humano em função do qual a tecnocracia deve estar, pois é o "valor" mais importante a ser levado em conta nos planejamentos econômicos. Quando existe essa postura isso nos dá a segurança de que as atividades serão orientadas tendo como bússola um dos princípios essenciais da UNESCO, enunciado pelo diretor-geral na XX Seção da Conferência Geral: "... igual dignidade de todas as culturas, quaisquer que sejam os graus de desenvolvimento". Esse princípio deve refletir-se na imagem do turista contemporâneo, indivíduo a quem a tecnologia deu a grande oportunidade de ter, psíquica e fisicamente, acesso a diferentes culturas. Fazer com que este princípio seja seguido depende de cada um de nós, estudiosos de turismo, assim como da filosofia que rege os órgãos de decisão da política turística da nação.

Campanhas feitas com informações, através da mídia, sobre o significado e a "dignidade" das diferentes expressões culturais do autoctone e do turista, farão com que o encontro proporcionado pelo turismo seja um fator de enriquecimento mútuo.

A expansão turística acelerada pode tomar a forma de uma "intrusão" com uma conseqüente criação de "guetos" de luxo, feitos sem nenhuma consideração ao ambiente climático, geográfico e cultural que poderá ter como conseqüência a deteriorização do meio ambiente e a ameaça de esgotamento dos recursos naturais não renováveis. Neste caso o

turismo procura encobrir as diferenças locais, exceto aquelas “exóticas”, a fim de criar fórmulas banais de estandarização, fáceis de comercializar.

Por outro lado, o consumo dos ricos pode vir a aumentar o conflito de tentar melhorar a vida dos pobres.

Os padrões do consumo internacional são inacessíveis às camadas menos favorecidas do país hospedeiro. Esta desigualdade vai criando uma hostilidade entre o hospedeiro e o turista pela diferença dos padrões de vida: de um lado o luxo ostensivo da infra-estrutura turística para a satisfação dos “sonhos” do turista, e do outro lado, os hospedeiros que às vezes não têm em sua habitação, sequer saneamento básico; quando não ocorre que para atender aos visitantes, todo suprimento alimentar é desviado para os hotéis e restaurantes de luxo.

Um turismo assim concebido e implantado, representa uma ocasião perdida para a cultura, um verdadeiro subemprego do potencial turístico e uma maneira de aumentar o desdém e/ou os desconhecimentos recíprocos.

As pesquisas de que se dispõem neste sentido, evocam alguns problemas no interior das sociedades receptoras, que se agravam com a expressão turística. São os que se relacionam com a transformação da hospitalidade em prática comercial e aparecimento de atitudes de consumo imitativas, destruição das formas tradicionais de convívio, enfraquecimento dos costumes, vulgarização do artesanato etc.

### **Turismo: relações de compreensão entre os homens**

Excelente instrumento de “encontro”, o turismo não tem funcionado senão imperfeitamente neste aspecto. Ao invés de promover relações de compreensão entre os homens, o turismo favorece relações econômicas que proporcionam liames inter-humanos precários que favorecem o lucro, a dependência, a delinquência e até a mendicância.

Quais são os caminhos que deve trilhar a política turística no Brasil? Quais os valores a orientá-la?

Pensamos que se deve voltar os olhos ao turismo nacional, uma vez que as dificuldades de conseguir grandes fluxos do turismo internacional pela crise econômica mundial, torna-se muito improvável. Não que não se deva ter alguma infra-estrutura que atenda esta demanda, pois, por mais que nunca precisemos de dólares, porém não é momento de fazermos investimentos e promoções em grande escala.

Quanto ao turismo nacional, precisamos pensar no turismo social e adaptar os núcleos receptores a turismo de pessoas de renda mais modesta.

Na pesquisa por nós realizada, além de 86,7% dos entrevistados, disseram que gostariam de organizar seu tempo livre anual em viagens

turísticas. Obtivemos, ainda, que 72,9% viajariam pelo Brasil ( preferência de lugar ) e 2,4% gostariam de viajar para o exterior e pelo Brasil, e, 24,1% da amostra responderam “exterior”. Como se pode perceber, é significativa a porcentagem que aspira conhecer nossa terra. Outro dado que mostra existir uma correlação positiva entre renda e viagens turísticas nos leva a dizer que está na hora de pensar em projetos para o fomento do Turismo Social no Brasil.

Este fenômeno foi definido por Hunzinger, presidente da Associação Internacional de Especialistas Científicos de Turismo, como “o conjunto de relações e fenômenos que resultam da participação de grupos sociais de rendas modestas, tornada possível ou facilitada por medidas de caráter social bem definidas”. Pensamos também nas viagens em grupo, devido a seu menor custo, embora não se despreze a possibilidade de turismo individual, pois o fato é de que quase todo o fenômeno social apresenta hoje em dia características de fenômeno de massa.

As férias não são mais a expressão de necessidades individuais mas de necessidades coletivas, nascidas das condições da sociedade técnica e urbana.

### **Necessário repensar os sistemas de transporte e alojamento**

O interesse de numerosas camadas sociais pelas viagens e também a escolha de diferentes formas de turismo, mostram a necessidade de repensar as maneiras tradicionais de transportes e alojamentos. A esse tipo de demanda quantitativa e qualitativa, é preciso novos tipos de equipamentos e transportes, assim como um planejamento turístico que venha preencher os desejos e motivações dos usuários.

Pensando, então em uma democratização dos movimentos de viagens em nosso país, precisamos pensar em novas formas de elementos turísticos que venham se adequar a essa realidade de agora e, provavelmente, de alcance para o futuro.

Quanto ao transporte, devemos dar ênfase ao transporte coletivo e, em particular, ao ferroviário. Este deve ser mais cuidadosamente tratado pelos responsáveis, pois não necessita da importação de combustível e além do mais, é quando realmente funciona, sendo mais confortável que o transporte rodoviário.

Pode-se pensar que é menos fatigante viajar 12 horas de trem, onde se tem possibilidade de carros-leitos para as viagens noturnas, assim como locais adequados para refeições e a vantagem de poder locomover-se com mais liberdade e espaço. Não é preciso enumerar todas as vantagens dos trens quanto ao seu funcionamento. Considere-se ainda a possibilidade de horários extras nos fins de semana e tarifas reduzidas para grupos,

inclusive nos períodos de férias escolares. É só tomarmos como modelo o uso do transporte ferroviário da Europa com os seus "europass" e sua regularidade de horários.

No caso de transporte rodoviário, é preciso pensar-se em tarifas reduzidas para grupos em viagens de "ponto a ponto".

Quanto aos alojamentos, podemos dizer que o tipo de alojamento tradicional, a hotelaria de alto luxo feita para acolher elementos das classes privilegiadas, não se adequa a esse novo tipo de demanda.

Sob este ponto de vista, vejamos quais seriam as exigências:

1) Quanto a localização: litoral, montanha e zona rural próxima às grandes cidades.

2) Concepção física: estabelecimentos confortáveis, porém sem luxo, de preferência podendo suprir diversas necessidades dos usuários ( lugar para preparar refeições, fogão, geladeira etc. )

3) Configuração arquitetônica: atitudes criativas de arquitetura a fim de que os locais de férias sejam planejados para cumprir as funções específicas do lazer turístico: descanso, diversão e desenvolvimento integral da personalidade ( Dumazedier ).

4) Quanto ao preço: gestão sólida que permita equilibrar os custos, oferecendo serviços especializados e adaptados às possibilidades econômicas dos usuários.

### **Relação harmoniosa entre o local e a população autoctone**

Como vimos anteriormente, um dos malefícios do turismo é gerar hostilidade por parte dos hospedeiros. No caso da implantação de uma zona turística é preciso que se atente para que haja uma relação harmoniosa com o local e a população autoctone.

Isso pressupõe um estudo científico do meio, indissociável de uma compreensão do elemento humano da região e sua estrutura econômica. A consulta aos habitantes a fim de os tornar participantes e interessados no projeto, evitando o sentimento de "intrusão". É preciso, realmente, considerar além da rentabilidade dos investimentos, as necessidades dos moradores da região.

Tomar precauções quanto à especulação imobiliária, não esquecendo que o turismo é um fator de crescimento econômico e deve tornar-se, ao mesmo tempo, um fator de enriquecimento sócio-cultural.

As fórmulas mais adotadas na Europa e Estados Unidos quanto a formas de alojamentos são as seguintes:

a) casas familiares — casarões adaptados para receber de 20 a 25 famílias que convivem, realizando atividades de lazer em locais comuns, dividindo entre si algumas tarefas domésticas. Na Itália estes lugares recebem a denominação de “casa per ferie”.

b) “gites” — “pousadas”, que podem ser:

b.1. — “Village de gites” — que diferem das vilas de férias, por exemplo, por terem kitchnetes individuais, contando porém com animação coletiva.

b.2. — “Gite rural” — aproveitamento de chácaras ou fazendas perto das metrópoles. São conjuntos de alojamentos que têm áreas especiais de animação coletiva.

b.3. — Alojamento em casas de família — onde o turista tem quarto e café da manhã, sendo que o último em recinto comum para todos os hóspedes. Na Grã-Bretanha chamam-se “Bed and Breakfast” e, na Áustria, “Zumer fried”. São residências que podem acolher somente um hóspede ( ou um casal ). No quarto há um pequeno fogão e geladeira, além de um banheiro privativo.

b.4. — Colônias de férias — pertencem geralmente a uma empresa, se destinam ao alojamento de jovens ou de crianças, tendo, para os menores, acompanhantes da própria firma. No Brasil, já temos esse tipo de Colônia de Férias ( Pumas, ACM ), como algumas pertencentes a clubes recreativos.

b.5. — Albergues da Juventude — alojamentos para jovens, que vêm obtendo grande sucesso nos principais países desenvolvidos, vinculados à Federação Internacional de Albergues para a Juventude. Os de porte médio ou pequeno, oferecem café da manhã, alojamento para dormir a preços bem módicos e, os maiores, duas ou todas as refeições. A animação é geralmente feita pelo encarregado do albergue.

b.6. — Camping ou Caravanning ( trailers ). Ambos os tipos já estão difundidos entre nós.

### **Conjuntos turísticos brasileiros**

Aqui, no Brasil, conhecemos um tipo de alojamento que nos parece muito eficaz no sentido de favorecer o Turismo Social. Em Itapema ( Santa Catarina ) existe um conjunto turístico chamado “Itapema Village I e Itapema Village II”, que consta de dois tipos. Um para duas pessoas num quarto com ar condicionado, uma pequena geladeira e televisão em cores, sendo que é oferecido o café da manhã — incluído na diária — em recinto comum a todos os hóspedes. O outro tipo de alojamento consta de

chalés que abrigam cinco adultos, tendo as mesmas acomodações. Os preços são módicos e o serviço prestado por pessoas residentes na região. A arquitetura é simples, concorde com os padrões da região e os dois conjuntos são estruturalmente horizontais (não havendo portanto elevadores). Há, em ambos, campos de tênis, de volei e bola-ao-cesto. Estão situados a menos de um quilômetro da praia e há lugar para contatos entre os hóspedes nas alamedas que cortam todo o conjunto.

Em termos de turismo social, no Brasil, foi o que conhecemos de melhor, pois estão adaptados à nossa realidade social, cultural e econômica.

#### NOTAS

- (1) RADT, Emanuel.
- (2) THUROT, J. M. *Les Effets du tourisme sur les valeurs socio-culturelles*. Aix-en-Provence, Centre de Hautès Etudes Touristiques, 1976.
- (3) STANLEY, Bob. *El cid Informa*, nº 4, jan. 1982.
- (4) BACAL, Sarah S. *Realidade e uso do tempo livre*. São Paulo, USP, 1980.
- (5) DUMAZEDIER, Joffre. *Échange et projets: la révolution du temps choisi*. Paris, Albin Michel, 1980.
- (6) LAINE, Pierre. *Lazer de massa e equipamentos novos*; trad. de Maria Júlio Madureira Guedes. Aix-en-Provence, 1972.